

ADVÉRBIO

REVISTA CIENTÍFICA DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG



VOL. 18 - N. 35 | JUL./DEZ. 2024 | ISSN 1808-883X

A POESIA VISUAL E A SEMIÓTICA PEIRCIANA: INTERPRETAÇÕES E SIGNIFICADOS NA OBRA DE SERGIO CAPARELLI

Neilde Silva de França Bois
Priscila Andressa Crepaldi Venturim

A POESIA VISUAL E A SEMIÓTICA PEIRCIANA: INTERPRETAÇÕES E SIGNIFICADOS NA OBRA DE SERGIO CAPARELLI

Neilde Silva de França Bois¹

Priscila Andressa Crepaldi Venturim²

RESUMO:

Este estudo investiga a relação entre a poesia visual e a semiótica peirciana, a partir do poema "Sapato" da obra Poesia Visual (2005) de Sérgio Caparelli. A pesquisa analisa como crianças de 07 a 10 anos interpretam a interação entre palavras e imagens. Mediante observações e entrevistas prévias, foram coletadas as respostas das crianças quanto à contemplação ao visual e ao textual, permitindo uma compreensão das diferentes interpretações que emergem desse diálogo. A análise revela como os signos, tanto verbais quanto visuais, adquirem significado e formam a base da construção do conhecimento infantil. Os resultados destacam a importância da poesia visual como um meio de estimular a criatividade e a imaginação, promovendo uma compreensão mais rica e diversificada do mundo ao redor.

PALAVRAS-CHAVE:

Semiótica Peirciana, Poesia visual, Crianças, Imaginação, Significação.

¹ Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual Do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

² Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual Do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

1 INTRODUÇÃO

É intrínseco ao desenvolvimento infantil o aprendizado da linguagem e neste processo compreende-se como parte fundamental o entendimento dos símbolos e das palavras que representam todas as coisas do mundo e que podem servir como base para traduzir o universo imaginário.

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa capacidade de designar é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por de trás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora são jogos de palavras. Assim ao dar expressão à vida o homem cria um outro mundo poético, ao lado da natureza (Huizinga, 1988, p. 07).

Considerando que a literatura desempenha um papel importante neste processo uma vez que instiga através da escrita com palavras significantes a imaginação, a criatividade e a fantasia este breve estudo propõe uma reflexão acerca da abstração e compreensão do mundo na perspectiva infantil por meio da poesia. A poesia infantil não agrada somente crianças, há muitos saberes contidos neste universo sendo absorvidos por adultos, haja vista a potência com que alguns escritores conseguem adentrar a este mundo infinito das palavras e seus diversos significados. A poesia é uma das maiores representações de arte na literatura infantil. Além do jogo com a linguagem e o brincar com as palavras a poesia desperta o imaginário, uma vez que a palavra (ler e ver) associa à imagem, na medida em que o homem é, por natureza, imagético, pois a imagem traz a sensação de proximidade com o real. Alfredo Bosi afirma que:

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a supri o contacto direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós (Bosi, 1977, p. 6).

A poesia visual é uma espécie de fusão de signo linguístico e imagem que comunica não só pelo que se lê, mas, principalmente, pelo que se vê. Este estilo existe desde a antiguidade greco-latina, na qual se situam os poetas considerados precursores – Simmias de Rodes, Julius Vestinus, Dosíadas, Teócrito. Eram compostos, naquela época e por séculos subsequentes, basicamente do arranjo figural das palavras no espaço da página, atingindo muitas vezes a aparência hermética das mensagens criptografadas. No Brasil, o movimento concretista surge de modo incisivo neste processo com uma proposta de estruturar e reestruturar a poética imagética corroborando com o estudioso do assunto Philadelpho Menezes (1991). Uma vasta produção de cunho imagético associando texto/palavra com imagem para a ser difundida em todo o mundo, exigindo cada vez mais maior aporte teórico de relevância. Conforme Octavio Paz,

Em cada sociedade podemos encontrar, em formas verbais e não verbais, um mundo de imagens; essas imagens representam ideias, conceitos e crenças sociais. Pensemos nas mais simples: a cruz, a meia-lua, as cores de uma bandeira. Essas imagens não somente se referem ao visível mas também ao invisível, pois o homem, que está em continuo diálogo com a natureza, também dialoga com o desconhecido e o invisível. Às vezes essas imagens representam entes abstratos: um triângulo, uma esfera; ou então seres imaginários: um centauro, uma sereia, um dragão. E há algo mais: cada um dos elementos que mencionei – os objetos e os utensílios materiais, as ideias, as instituições – são imagens e estão próximas do imaginário: uma cadeira pode se converter num trono, uma balança em emblema da justiça (Paz, 1991. p. 118-119).

Na poesia visual, o texto é um conjunto de signos que são dispostos na folha de papel de forma que o que se lê é o que se vê, porém com uma certa dualidade de interpretações. Então, a imagem associada ao texto cumpre o papel de promover sentidos no imaginário dos leitores, sejam elas crianças ou não. Assim, fumaça de palavras, flores de palavras, sapatos de palavras, roupas na corda, jóqueis, tabuleiros de palavras, peixes, borboletas (ou borboletras) de palavras, imagens de palavras,

palavras-imagens que desacomodam o leitor e o convidam a construir novos sentidos, criativamente, a partir do que lê vendo ou do que vê lendo são incorporados à essa arte de brincar com as palavras.

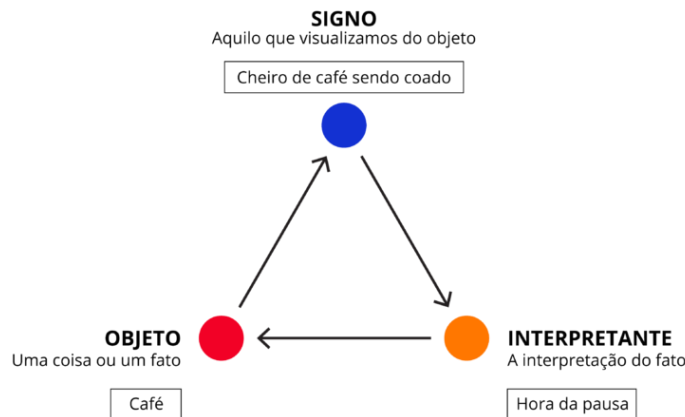
Interpretações diversas tornam-se possíveis, porém neste estudo as imagens doravante analisadas estarão alicerçadas à Semiótica Peirciana, desenvolvida pelo filósofo-lógico-matemático norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), a qual pode ser entendida como uma Filosofia Científica da Linguagem, cujo objetivo é a análise da ação e atividade dos signos. Peirce (1995) propõe que todo tipo de conhecimento pode ser representado como:

[...] um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen (Peirce, 1995, p. 46).

Portanto, o signo não é o próprio objeto, mas sim uma representação dele criada pelo interpretante. Por isso, a semiótica de Peirce sugere que o conhecimento seja representado por meio de uma tríade. Essa tríade é composta por: um objeto, que pode ser uma coisa ou um fato; um signo, que é a forma como vemos o objeto ou o corpo do signo; e um interpretante, sendo a interpretação que nossa consciência faz desse fato.

Figura 1 – Tríade de Peirce

TRÍADE DE PEIRCE



Fonte: <https://itamara.com.br/usar-azul-para-identidades-visuais-de-restaurantes-pode/>.

Nesta perspectiva, será priorizada para este estudo a tríade Peirciana representada pela imagem acima em que a grosso modo, sem muitas delongas, Intérprete ou Representâmen é a forma que se usa para se comunicar – é o “corpo” do signo; Objeto é aquilo à que o Representâmen se refere e, Intepretante é aquilo que está na mente acerca do representâmen, isto é a ideia à qual alude o objeto.

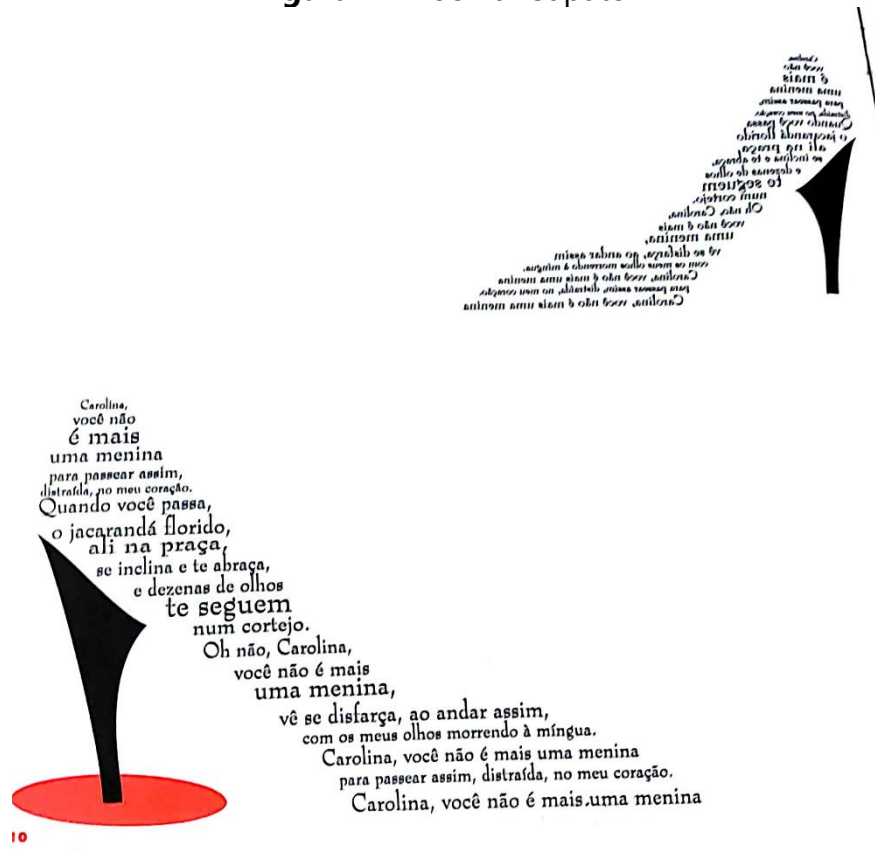
2 ESTUDO ANALÍTICO

Sergio Caparelli, nascido em Uberlândia – MG, é escritor de literatura infantil e juvenil, jornalista e professor. O poema elencado para a análise se encontra em seu livro Poesia Visual de 2005, que é composto por 28 poemas, em que predomina o estilo concretista no modo de organizar as palavras sobre a folha.

Antes da análise semiótica alicerçada na tríade Peirciana perguntamos a algumas pessoas aleatoriamente – adultos de faixas etárias e nível de escolaridade variado – de maneira informal quais eram as 3 primeiras coisas que lhes vinham à mente ao observar a imagem, somente a imagem, sem ler o texto escrito. É necessário salientar que em tal indagação não havia o intuito não considerar o que “é

certo ou errado”, mas apenas verificar a primeira impressão ou impacto à leitura do texto imagético. Segue abaixo a imagem apresentada:

Figura 2 – Poema “Sapato”



Fonte: Caparelli (2005).

Inúmeras e diferentes foram as respostas, mas a maioria fez uma leitura “ao pé da letra” apenas descrevendo o que via. A alguns é um sapato feminino, com passadas curtas; a outros, um sapato feminino com o salto representando um troféu; um respondeu-me que lembrava à ex-presidenta Dilma. No entanto, mostramos a mesma imagem à algumas crianças em idades entre 07 e 10 anos e, a maioria também, descreveu o objeto em questão. Porém uma delas, disse que o salto sobre o círculo vermelho, para ela parecia ser uma faca sobre uma poça de sangue, lembrava-lhe algo escorrendo. A esta interpretação é possível relacionar os princípios da análise semiótica do ponto de vista de Peirce, a partir dos princípios de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade; sendo: Primeiridade, a impressão, a sensação que a

imagem causou; Secundidade, caracterizando distinção/diferenciação, o objeto tomando forma e por último, a Terceiridade que leva à compreensão e estabelecimento de sentido e significado ao objeto/poema em questão. Ou seja, a *representação* como um elemento do fenômeno” (Peirce, 1998, p. 160). Todavia, uma verificação mais atenta acerca do poema visual acima se faz necessária, haja vista a presença de nuances diversas, elementares, que fomentam vários indícios discutidos pela Semiótica Peirciana. Peirce (1998) afirma que há três tipos de signos: (1) as semelhanças, ou os ícones, (2) as indicações, ou os índices e (3) os símbolos, ou signos gerais.

Nesse contexto, o poema visual funciona como um ícone, representado pela figura de um sapato constituído por palavras. A imagem remete a uma intertextualidade com outros textos, por meio de uma construção imagética aparentemente simples, mas que, em uma apreciação mais detalhada, revela indicativos significativos.

Primeiramente, o sapato/ícone simboliza um objeto utilizado por uma mulher. No entanto, a leitura do poema sugere uma "menina-mulher," cuja transformação desperta o olhar alheio. O eu lírico experimenta um sofrimento ao perceber essa transição de menina para mulher, sofrendo tanto pela distância emocional dessa figura quanto pela impotência de evitar que outros também notem essa metamorfose. Além disso, há um outro aspecto de sofrimento: o eu lírico se angustia por essa menina-mulher não o notar como ele espera.

Em relação ao índice, diversos elementos na imagem indicam o caminho do olhar observador do eu lírico. A presença da cor vermelha é marcante, e, de acordo com Eva Heller em *A Psicologia das Cores*, “Não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos”. Heller explica que o vermelho é um símbolo categórico de fogo e sangue, representando paixão, amor, ódio, raiva, agressividade, e intenções negativas.

O sapato (ícone) está posicionado com o salto sobre um círculo vermelho

simbolizando (Símbolo) portanto, a paixão do eu lírico e, sobretudo a perda da inocência, a menina que rompe com o conceito de menina através do sangue – penetração += sangue – perda da inocência e o “nascimento” da mulher, além disso reflete o desejo carnal expressado pelo eu lírico.

Outro detalhe é que, no poema-imagem, o sapato parece flutuar, sem que a ponta toque uma superfície. Esse detalhe sugere a transformação da menina, que ainda não se vê plenamente como mulher. O vermelho chama atenção também por se constituir de uma figura geométrica, o círculo, pois este símbolo embora tenha se disseminado por inúmeras culturas não é uma forma encontrada na natureza, mas traduz a ideia de perfeição que os seres humanos pretendem alcançar, neste estudo comporta-se como inconsciente pessoal, haja vista o ponto central do círculo (se assimilado à mandala seria o *self*) servir de base para a ponta do salto, o ponto de equilíbrio da menina-moça, aludindo ainda à uma ideia de começo e recomeço, isto é, a vida em movimento circular, de certa forma não-vicioso com transformações a cada final ou início de um novo círculo.

Por outro lado, segunda a estudiosa Eva Heller (2002) em seu livro A Psicologia das cores, descreve o vermelho luminoso como uma cor pertencente ao universo masculino, tal como o filósofo e escritor alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) em sua interessante e criativa Teoria das cores considerava o vermelho o “rei das cores”, pois está ligado à força, à atividade e à agressividade. Este signo, então, alude à dominação masculina sobre o universo feminino, basta pensar, nas histórias de contos fadas da antiguidade, vermelho era sempre a cor descrita e usada por aqueles que desobedeciam, eram seduzidos ou incitados ao pecado e por último, pelo pecado, dominados, como a Chapeuzinho Vermelho.

Por outro prisma destaca-se o signo relacionado à cor preta. O salto posicionado como o corpo que sustenta além da ideia de troféu alude também ao corpo feminino e é todo negro. Heller (2002) define o preto como a cor do poder, da violência e da morte. A cor predileta dos designers e dos jovens. A cor da negação e da elegância. O preto permeia toda construção poética vista acima, pois reporta-se a

concepções relacionadas a poder e o desejo de dominação.

Importante destacar que o poema é constituído de duas imagens e, estas são opostas, uma vez que o sapato canto direito superior da folha encontra-se ao contrário, podendo ser observado como o caminho percorrido pela menina, a transformação durante a jornada e o retorno como mulher. A oposição das formas demonstra também um jogo de espelhos, denotando conforme define Lacan (1949) um corpo descoordenado, um ser em formação, portanto passível de transformação. Esse jogo de espelhos, grosseiramente analisando denuncia a ideia de duplo e transitivismo: a imagem de si mesmo, mas ao mesmo tempo o eu aos olhos do outro determinando a imagem do que e quem se é, bem como importante fator de constituição do eu, uma vez que o outro que aparece no espelho, é o desejo, o que esse outro (imagem que está fora) refletido quer que seja o eu (interior). E neste caso o ser que volta não contém mais o símbolo (convenção) do pecado (o círculo vermelho), agora flutua apenas.

Ainda, acerca das cores há o branco. O branco é o papel imaculado. E esta sim, é atribuída ao universo feminino simbolizando a inocência. A imagem está disposta em uma folha totalmente branca, como se a vida nela toda estivesse contida. A ideia de pureza transmitida pela cor branca remete ao fato de que qualquer sujeira ou mancha, por menor que seja, pode ser notada. Assim as letras pretas permeadas pelo vermelho flutuam sobre o papel branco indicando, além de tudo o que já analisado, um indício de amadurecimento da personagem Carolina na perspectiva do eu lírico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo sobre a poesia visual, pudemos observar como as crianças, naturalmente curiosas e observadoras, exploram o universo imaginário criado pelo jogo de palavras e imagens. Através da análise semiótica, percebemos como as palavras, imagens e símbolos ganham forma e significado, proporcionando uma nova perspectiva na leitura e interpretação do mundo ao nosso redor.

A interação entre linguagem, literatura e imaginação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e criativo das crianças, permitindo-as explorar novas formas de expressão e compreensão. A poesia visual, ao entrelaçar texto e imagem, estimula a criatividade e a construção de novos significados, desafiando os leitores a interpretar de maneira única e pessoal.

Portanto, a análise semiótica da poesia visual revela a riqueza e a complexidade das relações entre signos e significados, destacando a importância da linguagem como ferramenta essencial na construção do conhecimento e na expressão artística. Que possamos continuar explorando e apreciando a diversidade e a profundidade da poesia visual, enriquecendo nossa compreensão do mundo e estimulando nossa imaginação de forma contínua e inspiradora.

REFERÊNCIAS

CAPPARELLI, Sérgio. GHUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Poema Visual**. 4 ed. São Paulo: Editora Gaia, 2005.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI; Décio. **Teoria da poesia concreta**: textos críticos e manifestos 1950 – 1960. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

HUIZUNGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura; tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo, Perspectiva. Editora da USP, 1971.

HELLER, Eva. **A Psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. 1 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACAN, Jaques (1998). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: J. Lacan, Escritos. (V. Ribeiro, trad.: pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).

PAZ, Octavio. **Convergências: ensaios sobre arte e literatura**. Tradução Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTAELLA, L. **O Que é Semiótica**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.